

## **ASSENTAMENTOS E DESPACHOS: ENCONTROS PARA SEGUIR CAMINHANDO**

Flávio Campos, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM<sup>1</sup>

Heloisa Gravina, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Respirar. Riscar o dojo (espaço em volta do corpo). Entrar no espaço circunscrito e reconhecer os conteúdos que já estão no corpo. Dar vazão com continência e aos poucos ir reconhecendo e elaborando esses conteúdos. O que fica e o que precisa sair? O que vai para o assentamento e o que é preciso despachar para dar fluxo ao processo de criação e de autoconhecimento? Assim iniciamos e compartilhamos nossas práticas de pesquisa em artes da cena que se dão no e através do corpo. Propomos, aqui, a desmontagem do processo de disponibilização desse corpo reflexivo, no qual se elaboram os conteúdos experimentados na relação com diferentes campos de pesquisa. No caso, esses campos compreendem predominantemente saberes tradicionais afro-referenciados, como a capoeira e as religiões de matriz africana (mas não só), com os quais as pesquisadoras foram se encontrando ao longo de suas trajetórias. No momento em que novos campos de pesquisa se abriam, uma pandemia. Colapso, distância, exílio, permanência, isolamento, virtualidade, tempo, percepção, desejo, criação. Qual corpo é possível? Qual pesquisa em artes da cena é possível? E como ela pode estar em relação com o que sofre o mundo como um todo? Compartilhar esses Laboratórios como uma encruzilhada: parar, perceber, observar onde estamos e tomar o tempo para reconhecer os caminhos que se apresentam, sem precisar, ainda, escolher por qual seguir. Suspender o tempo da escolha. Desfrutar do espaço entre para revirar memórias, revisar os corpos, integrar os sentidos. Através dessa proposta, buscamos trabalhar com ferramentas conhecidas por nós (oriundas do Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete e da Técnica

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria. Bailarino-Pesquisador-Intérprete e Diretor no Método BPI. Coordenador do Grupo de Pesquisa (CNPq) Processo BPI: formação e criação em Dança do Brasil e do Laboratório BPI. É integrante do Núcleo de Pesquisa em Artes da Cena - NUPAC/UFSM, do Núcleo BPI e do Grupo de Pesquisa (CNPq) BPI e a Dança do Brasil, ambos da UNICAMP.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria, onde integra o Núcleo de Pesquisa em Artes da Cena - NUPAC e co-coordena, com a professora Andréa Angeli, o Laboratório EspaçoCorpo - núcleo transdisciplinar de estudos em dança e terapia ocupacional. É bailarina, coreógrafa e estudante de Técnica Alexander.

Alexander) e criar dispositivos para a pesquisa em artes da cena que passem pelo autoconhecimento, pela integração dos sentidos no corpo das pesquisadoras como instância da criação e da reflexão. Dentro desse processo, a elaboração das imagens, sensações, sentimentos e movimentos é condição primordial para a criação cênica. Os conteúdos liberados ou são depositados em um lugar de afeto no espaço-corpo - assentamento, altar, tukaia, conga - ou são cuidadosamente despachados pois já cumpriram sua função. Então, como quem arruma a casa para sentar e assistir ao pôr do sol, aprontamos esse corpo para olhar o horizonte, ou além...

### **PALAVRAS-CHAVE**

Laboratório Aberto; Processo Criativo; Desmontagem; BPI; Técnica Alexander;

### ***ASSENTAMENTOS AND DESPACHOS: ENCOUNTERS TO KEEP WALKING***

### **ABSTRACT**

Breathing. Circle the dojo (space around the body). Enter the circumscribed space and recognize the contents that are already in the body. Let go with continence, and little by little, recognize and elaborate these contents. What remains and what needs to leave? What goes to the *assentamento* and what needs to be dispatched to give flow to the process of creation and self-knowledge? This is the way we begin and share our research practices in scene arts that occurs in and through the body. We propose, here, the disassembling of the process of making available this reflexive body, elaborating the contents experienced in the relationship with different research fields. Here, these fields are predominantly traditional afro-referenced knowledge, such as capoeira and religions of African origin (but not only), that the researchers encountered at different moments in their trajectories. At the moment when new fields of research were opening up, popped up a pandemic. Collapse, distance, exile, permanence, isolation, virtuality, time, perception, desire, creation. What body is possible? What research in performing arts is possible? And how can it connect to what the whole world suffering? Sharing these Laboratories as a crossroads: stopping, realizing, observing where we are and taking the time to recognize the paths appearing, without choosing yet which one to follow. Suspending the time of choice. Enjoying the space between to revisit memories, review the bodies, and integrate the senses. Through this proposal, we seek to work with tools we already know (from the Dancer-Researcher-Performer Method and the Alexander Technique) and

create new devices for research in scene arts involving self-knowledge and integration of senses in the body of the researchers as a creation and reflection path. Within this process, the elaboration of images, sensations, feelings, and movements is a primordial condition for the scenic creation. The liberated contents are either deposited in an affection place in the body-space - *assentamento, altar, tukaia, conga* - or are carefully dispatched because they already fulfilled their function. Then, like someone preparing the house to sit and watch the sunset, we get this body ready to look at the horizon, or beyond...

## KEYWORDS

Open Lab ; Creative Process; Disassembly; BPI; Alexander Technique;

### De pronto, um convite.

Para começarmos falando a mesma língua, convidamos você a habitar outros tempos e espaços conosco, assistindo ao nosso vídeo-processo:



[assentamentosedespachos.mp4](#)

Assim como o vídeo que você acaba de assistir, o relato que compartilhamos a seguir é, também ele, um processo. Assumimos a condição atual de uma investigação que não se interrompe quando tudo para (ou deveria parar), colapsa, se precipita ou se convulsiona num estado de caos de dimensões planetárias. Habitamos o caos. Nossa escrita, que é parte de nossa dança, transita igualmente por ele. Como nos laboratórios compartilhados, não buscamos resolver nada aqui. Antes, dilatamos o tempo da escuta, da busca, da espera, da perplexidade.

Esgarçamos esses afetos, acolhemos o que emerge, abraçamos o que não sabemos. Essas escolhas, até agora, vêm gestando esse processo. Explicitamos, na forma de um ir e vir entre as duas autoras deste texto, alguns caminhos percorridos, referências e recursos mobilizados.

### **Do que falamos? Sobre as palavras Assentamentos e Despachos.**

*Por Flávio Campos*

As palavras Assentamentos e Despachos me chegam desde uma relação com algumas metáforas de trabalho utilizadas dentro do processo BPI, mais especificamente, falo aqui sobre o trabalho de elaboração constante dos conteúdos internos que são liberados dentro dos dojos dos laboratórios dirigidos<sup>3</sup>. Trata-se, portanto, dos termos cascalhos e diamantes que dizem de um trabalho minucioso, preciso, delicado e pensado desde um lugar onde o afeto e a alteridade têm tônica constante<sup>4</sup>. O cascalho aqui representa certos conteúdos internos que vêm à tona de forma mais rápida, mas não só, também se aproximam dos mecanismos de defesa que surgem como camuflagem e/ou cascas que protegem e por vezes se atravessam no fluxo daqueles conteúdos mais delicados e dotados de certa carga emocional. Já o diamante está relacionado com aqueles conteúdos psicofísicos e que corroboram a liberação de certa potência expressiva e dos gestos vitais. Ou seja, auxiliam no trabalho com elementos repletos de singularidade e algo de genuíno na criação cênica do corpo em processo.

Dito tudo isso de forma meio atravessada para o começo desse pequeno relato, busco relacionar o motivo de trazer para essa proposta os termos Assentamentos e Despachos. Tendo como ponto de partida algumas casas de religião de matriz africana que pude conhecer e pesquisar ao longo dos últimos dez anos, compreendo o assentamento como o lugar onde se deposita tudo aquilo que fundamenta e dá base para que a fé do devoto possa estar conectada com suas origens, com sua força de vida, com as raízes mais profundas que sustentam a própria existência daquele, ou daqueles, sujeitos. Embora faça aqui menção à religiosidade baseada nas perspectivas cosmológicas e nas cosmogonias africanas, principalmente a partir da diáspora, é

---

<sup>3</sup> Dojos são espaços delimitados pela pessoa em Processo BPI sob a condução de um diretor. Trata-se de um espaço delimitado em torno do corpo onde ocorrem a liberação, a elaboração e burilagem dos conteúdos internos. O dojo é um procedimento primordial para que o Processo BPI possa acontecer, dentro dele são trabalhadas as imagens, as sensações, os sentimentos e os movimentos que irão construir modelagens, corpos, a personagem e o produto cênico no método BPI. Para maiores informações sobre dojo no Processo BPI, vide Rodrigues (2003, 2010, 2013), Rodrigues et al (2016), Campos e Rodrigues (2015), Campos (2016).

<sup>4</sup> Essa reflexão é fruto de um longo processo pessoal de aprofundamento nos estudos práticos e teóricos sobre o método BPI, nesse sentido uma contextualização mais verticalizada sobre essa dimensão pode ser consultada nos trabalhos que desenvolvi ao longo do mestrado e doutorado sob a orientação da profa. Graziela Rodrigues, a saber Campos (2012 e 2016). Além disso, estão desdobradas em Campos e Rodrigues (2015) e Rodrigues et al (2016).

importante reforçar que existem práticas e dinâmicas similares - mas não iguais - também nos saberes ameríndios e noutros saberes de povos originários (tukaias, altares, congas, tumbas, totens etc.).

Em consonância e trazendo um grande auxílio na compreensão do termo, que é também prática e fundamento, Luiz Rufino delinea assentamento da seguinte forma:

O *assentamento* é chão sacralizado, é morada de segredos, é lugar de encantamento, é corpo ancestral, é onde se ressignifica a vida. A diáspora evidencia a inventividade dos povos negro-africanos desterritorializados juntamente com a inventividade de seus descendentes. (RUFINO, 2019, 100 - 101)

Então, na relação estabelecida com o Processo BPI, o assentamento é o lugar em que guardamos o diamante com todo o cuidado, num rito que sacralizará a força da representação daquilo que é precioso e capaz de ser motriz e matriz catalisadora e potencializadora do corpo que se entrega para o sagrado que habita em si mesmo. Sagrado esse que será, e é sempre, a ignição que acende no corpo a ligação, o dinamismo, que transita e dança entre céu e terra, sendo ao mesmo tempo sagrado e profano.

Todavia, para que o assentamento possa ser imbuído e sacralizado num ritual próprio de cada devoto e de acordo com os cruzamentos que constituem cada pessoa, são necessários muitos trabalhos de limpeza das camadas, tanto no âmbito físico, como no que tange os elementos emocionais, ou melhor, do que é visível e do invisível. Nesse sentido é que lançamos mão dos despachos, dos cascalhos, no intento de ir liberando pouco a pouco aqueles conteúdos e elementos que vão ficando pelo caminho, ou mesmos os seus resquícios, seus restos, suas cascas, as migalhas, enfim, tudo aquilo que foi necessário experimentar e experienciar para fazer da jornada uma trajetória formativa. Veja bem, o despacho não é lixo. Pelo contrário, costumo lembrar que, para fazer a base de uma casa, por exemplo, usamos cascalho, ou pedras similares, para ajudar a fortalecer o que irá sustentar aquela edificação. Então, desde essa compreensão, o despacho aqui é uma dinâmica importante para viabilizar que o ritual se constitua e se concretize numa dimensão que vai além do próprio copo-espaço-tempo.

*Por Heloisa Gravina*

Os termos Assentamento e Despacho, para mim antes restritos ao universo das manifestações afro-referenciadas, foram conectados ao meu processo de criação em dança a partir do encontro com Flávio. Mais precisamente quando, nos idos de 2016, começamos a

partilhar a disciplina de Danças do Brasil IV<sup>5</sup>, que tem a capoeira como tema gerador, para em seguida nos lançarmos numa investigação criativa em que ele me conduzia através de um processo fundado nas ferramentas do método BPI. Esse processo mobilizava minha experiência com a capoeira Angola, campo de pesquisa de minha tese de doutorado em Antropologia Social, para a qual desenvolvera uma abordagem que chamei de uma “etnografia desde o corpo” (GRAVINA, 2010). A partir dessa abordagem, a capoeira foi vivida e elaborada por mim enquanto experiência encarnada no corpo. Abrir o dojo e reconhecer os conteúdos presentes em mim significou, necessariamente, reencontrar-me com os rastros dessa experiência, e reelaborá-la.

O processo que levamos juntas foi de 2016 a 2019, tendo uma pausa em 2018, quando fiz pós-doutorado em Buenos Aires, onde cursei um ano da formação para professores de Técnica Alexander, e desenvolvi um outro trabalho coreográfico solo, mobilizando os princípios dessa Técnica no trabalho de criação em dança, com direção de Michel Capeletti. Esse trabalho se chamava *Ocupación*<sup>6</sup>, em parte fazendo referência aos processos de ter o corpo ocupado por diferentes entidades nos terreiros de religião de matriz africana, os quais passaram a fazer parte de meu repertório a partir da entrada no universo da capoeira.

Tudo isso importa aqui porque constitui a matéria com a qual estamos trabalhando: o corpo como trajetória, território, fluxo vivo de repertórios, técnicas, métodos, experiências, encruzilhada de bagagens emocionais, culturais, cruzamento de cosmovisões...

Entramos em 2020 com o desejo de aprofundar as investigações iniciadas em 2016 e provavelmente dar-lhes uma forma de obra coreográfica. Elaborar um discurso que dissesse de nós, e principalmente de nós em contexto(s), ambos concebendo o trabalho de dança como uma implicação a um só tempo individual e social, subjetiva e coletiva.

E veio a pandemia.

### **Por que fazer? Por que seguir caminhando?**

A vida, por ser esse dom tão indescritível, incontível, ele não pode ser recebido de outra maneira que não com o contentamento, a alegria e uma resposta criativa para o sentido de uma dança cósmica. Se você fosse chamado para uma dança cósmica, você ia ficar cabisbaixo? Ou você ia sair saltitante? (KRENAK, 2021)

---

<sup>5</sup> A parceria com Flávio se estendeu em muitas dimensões dentro do Curso de Dança Bacharelado da UFSM, sempre no sentido de alimentar um projeto estético e político que dê lugar às perspectivas afro-centradas e ameríndias, como componentes fundantes de nossa identidade. Algumas ações e reflexões que fizeram parte desse projeto são relatadas por Flávio em CAMPOS, 2019.

<sup>6</sup> Conto esse processo em detalhes no trabalho apresentado na X Reunião Científica da ABRACE. Ver GRAVINA, 2019.

*Heloisa*

A pandemia como uma grande encruzilhada. Susto, choque, terror, tristeza... Como seguir um processo de criação completamente baseado no corpo em presença, no encontro? Como seguir dando sentido a nossa experiência de ser-no-mundo, num mundo em que o caos se torna subitamente, violentamente, explícito, a ponto de nos impedir as atividades mais cotidianas?

Dessa encruzilhada, tomo um rumo radical. Me mudo, ainda que por um tempo indefinido, para o outro lado do oceano Atlântico, para a França, terra natal de meu companheiro de vida. Como seguir, além dos múltiplos e distintos confinamentos, agora com um oceano no meio? Por que seguir?

Recuperar o processo de criação que vimos desenvolvendo desde 2016 foi uma maneira de resgatar nossa própria presença, nossos corpos em relação, nossa potência de criação. Entendemos então que era (e ainda é) importante não só abrir mão da necessidade de chegar em algum lugar específico, como distender esse tempo de não chegar, propiciar mais e mais abertura para nos permitirmos seguir o processo. Como na Técnica Alexander, em que nos damos tempo para poder reconhecer os hábitos, escolher soltá-los, permitir que algo novo emerja, nos perguntamos: na encruzilhada, espaço entre por excelência, o que vemos com a passagem do tempo? O que emerge do encontro de nossos pontos de vista, agora em lugares tão distintos do globo?

*Flávio*

Para mim, realizar e publicizar parte desse processo é dar forma para alguns caminhos e encontros que Helô e eu estamos trançando juntas desde 2016. Ou melhor, desde quando nos encaramos em 2015 durante o concurso público que me trouxe para a UFSM. A euforia e a empolgação dos primeiros momentos juntas em aulas e em laboratórios foram construindo uma cumplicidade que, agora, diante de tamanha intempérie e tragédia, nos convoca a ir dando vazão aos nossos fluxos internos. O processo a quatro mãos, ora atravessado por olhares e suores de discentes, amigas e parceiras, ora no recluso espaço fechado onde os corpos iam ganhando modelagem e histórias, gestado e continuado sem a pressa de um encerramento, agora encontra a grande kalunga, ou, como aponta Rufino, essa grande encruzilhada chamada Atlântico. O fluxo dos encontros mediados pela virtualidade, sem o cheiro de cafês, vinhos ou mesmo o silêncio dos corpos juntos, nos coloca certa urgência de assentar alguns elementos e,

para isso, foi preciso despachar a saudade, o peso da distância e do Covid-19. Mas não só. O despacho aqui é o mecanismo que nos possibilita, passo a passo, retomar elementos vivos e gravados no corpo, desde a primeira jabuticaba gigante até o primeiro almoço - um peixe maravilhoso, diga-se de passagem - na sombra da jabuticabeira que agora sombreia e despeja suas folhas sobre a terra para que meus pés possam ir buscando a conexão com aquilo que está assentado na nossa origem.

*Heloisa*

E então persiste a pergunta: como compartilhar presença através do vídeo?

O XI Congresso da ABRACE, realizado em modo totalmente online, nos permitia um belo enquadramento para essa experimentação. Tivemos, desde logo, o desejo de compartilhar o processo em seu estado bruto. Oferecer o cascalho à contemplação, acolhê-lo e, quiçá, vislumbrar entremeado o brilho sutil de algum diamante. Permitir que as imagens existissem sem explicação, convidando a um tempo distinto na relação com a tela, a um estado de presença sensível também para quem assistisse. Cansadas das comunicações através das telas, desejamos, também, pés. Estávamos falando de travessias, internas e externas, entre corpos, espaços e tempos. Desejamos silêncios, um berimbau, sons dos lugares que estávamos habitando.

Uma questão presente para mim: como fazer o caminho de Brasil a França sem o gosto da recolonização ou, indo além, segundo a proposta de Antônio Bispo (2015), atravessar o Atlântico num sentido contra-colonial? Ter o Flávio me acompanhando, ter nosso processo como guia, me permitiu ir chegando nesse novo lugar desde minhas referências, trazendo meu atabaque na minha caxanga, como no canto da capoeira... Alimentando essa caxanga, Flávio me manda o livro “Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas”, de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. Nele, leio sobre

... a noção assente nas macumbas, que compreende a diáspora como um empreendimento inventivo de travessia. Essa perspectiva afronta o desencanto do projeto colonial e o esculhamba quando abre a possibilidade do ser em cruzo contínuo, o caboclo. Ele, o caboclo, é o ser-disponível, o ser-no-mundo, o que está aí. O ser indisponível para a cabocloização é aquele que não se dispõe a ir; é o normatizado nas regras da civilidade (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 100).

Vou entendendo, no processo, que a caminhada é a própria ação. Caminhar é fazer caminho, é territorializar o lugar, é fazê-lo enquanto me faço nele, com tudo o que sou. E é, nessa perspectiva, continuar sendo “em cruzo contínuo”, “ser-disponível”. Num mundo em que

o colapso se torna evidente como um grito, a escolha por habitar a encruzilhada e retardar o processo de fixar sentidos é, numa medida, a escolha consciente pela “cabocliização” de si e do processo de criação. Retardar a reação ou, nos termos de F.M. Alexander (2010), “inibir” a primeira reação é abrir a possibilidade de não ficarmos prisioneiras de nossas respostas habituais. Dar-nos tempo, como sugeria o professor de Técnica Alexander Walter Carrington (2009), é uma atitude consciente para permitir que outras respostas, ainda desconhecidas e talvez mais adequadas à situação, apareçam.

Novamente, conectando o individual e o coletivo, é a afirmação do não-fazer como ato político. Uma atitude que experimentamos em diálogo com outras e outros pensadores e praticantes de ideias que resistem, ou desviam, ou propõem linhas de fuga a um pensamento dominante ou hegemônico. A editora n-1 deu forma a algo desse pensar coletivo através de sua série *Pandemia Crítica*. Nela, uma reunião de diversas fontes e matrizes de pensamento teve lugar de expressão, produzindo um corpo coletivo para fazer face à perplexidade e ao caos. Desse caldeirão, trago aqui dois trechinhos do texto *Espectros da Catástrofe*, de Peter Pál Pelbart, que ressoa com a dimensão coletiva e política de nossa escolha pelo retardamento dos sentidos, pela contemplação como ato em si, sem a necessidade iminente de chegar a um resultado:

A inação é perigosa, pois ela não é privativa, já que ela faz sentir a pulsação infinita do mundo. É na inação que se percebe a multidão das formas de existência, que se inventam outros mundos.

(...)

Se a tirania da velocidade moldou a política como atividade, nada impede que o político seja redefinido em função de uma dimensão outra do movimento: a pausa (PELBART, 2020).

## **O que encontrei? Testemunhos de lá e de cá.**

*Flávio*

Comecei tentando me conectar com a terra, coloquei uma roupa amarela, pois de certa forma compartilhamos, Helô e eu, a força e maleabilidade desse ouro. No entanto, a terra me chamava com muita força e logo precisei me desfazer das roupas para deixar meu corpo ser percutido pela terra que vibrava longe e desde sempre. O ouvido ganha o meu corpo, começando pelos pés, passando pelos joelhos, sexo, barriga, peito, mãos. Em certo momento a terra canta algo para mim. Levo minha cabeça até o chão e apoio delicadamente minha orelha no chão. Escuto o canto que habita as entranhas da vida. Meu corpo muda, faz silêncio dentro de mim para receber o canto penetrando e fecundo. O sopro da vida veio da terra, entrou pelos

meus ouvidos e eu só posso dançar para celebrar a vida que persiste em seguir, em resistir, em existir mesmo diante do caos.

Encerro meu rito-dojo! Ergo os olhos e vejo minha filha com o celular na mão aguardando pelo meu sinal de que pode encerrar a gravação. Ao lado dela está o meu mais novo sopro de eternidade com os olhos brilhando e balbuciando sons em reação a tudo que acabara de acompanhar. Ambos estão posicionados entre a jabuticabeira e a horta de sete ervas outrora plantadas pela Helô. Volto para o centro do espaço e compreendo que falta ainda um movimento a ser feito: meus pés me pedem para bater e revirar a terra, como que preparando, agradecendo e finalizando a fecundação daquilo que ainda está por vir. A certeza que tenho é de que, quando entramos, reconhecemos e assumimos a encruzilhada como fluxo de encontros contínuos, só nos resta girar e dançar com a força do rebojar - ir ao fundo do rio para depois voltar à tona com toda a força necessária para seguir. Rebojar é mais uma das metáforas de trabalho que Graziela Rodrigues e o Processo BPI me ensinaram (RODRIGUES, 2005).

### *Heloisia*

Assisto ao vídeo que Flávio me manda de seu laboratório. Reconheço a jabuticabeira, a terra, a horta. Também eu tenho imagens de um dojo nesse mesmo lugar, ao som de mestre Guto Obàfemi<sup>7</sup> tocando berimbau. Penso que faz sentido trazer essas imagens para essa nova travessia. Sou tocada pelo som da voz do Flávio, como se me chamando através daquela terra, atravessando o planeta por dentro. Seus pés percutem o chão e vibram até aqui. Afinal, estamos sobre essa mesma Terra, conectados pela imagem, pelo som e pela matéria que nos diz, através de nossos pés, que ela nos sustenta, nos dá suporte.

Alimentada por essa experiência, é a minha vez de buscar, aqui, meu espaço para abrir o dojo. Logo aparece algo do corpo-modelagem que surgira dos processos com Flávio, a coluna que enverga, os joelhos que dobram, os pés que tateiam antes de pisar. Um corpo velho. Uma saia. A mesma saia. Um primeiro afastar das folhas no mato perto da nova casa, do outro lado do mar. A terra aqui é mais seca, as folhas espetam o pé. Preciso pisar manso, pisar maneiro nesse terreiro. A ação, por ora, é o próprio caminhar. Minha filha, que faz as vezes de cinegrafista, quer também experimentar essa terra, essa saia, esse entrar e sair. Abro meu espaço para ela. Esse espaço, meu corpo, meu entrar e sair no mundo, que me foi dado por minha mãe e pelas que vieram antes dela, agora compartilho com minha filha. Então sou eu

---

<sup>7</sup> Mestre Guto fundou e coordena a *Áfricanamente Escola de Capoeira Angola*, em Porto Alegre, da qual faço parte desde 2007, quando comecei minha pesquisa para o doutorado. Para saber mais sobre a *Áfricanamente*, ver <https://www.instagram.com/africanamentecapoeiraangola/>

que filme, que enquadro a experiência dela numa imagem que fará o caminho de volta para reencontrar o outro lado da kalunga. Co-criamos a vida na relação com a terra e o desterrarmos, estar estrangeiras buscando lugar, territorializando-nos.

Minha ação, então, é caminhar. Os passos fazem espaços, dizia Michel de Certeau (1980). A câmera é também o limite do dojo, o enquadramento do olhar. O que fica? O que sai? Vestir e desvestir a saia, a pele que vai trocando, e a carne que permanece, pulsante, com suas cicatrizes e seus fluxos de renovação. Meu dojo é um rito de passagem.

Caminhando, vou reconhecendo o quê desse novo lugar já me constitui, o que já está em mim, o que quero que esteja. É, por enquanto, um espaço de muitas imensidões. Vasto céu azul, o rio seco, o barulho da tormenta que se aproxima e a chuva que cai, torrencial e breve, nutrindo essa terra acostumada a viver com pouca água, e que sabe, mesmo assim, florir em exuberantes vermelhos e amarelos, em intensos perfumes de tomilho, alecrim, lavanda... Meu lugar de olhar o pôr-do-sol. Contemplar o porvir, e confiar.

### *Flávio e Heloisa*

Para encerrar essa primeira partilha, somos tomadas pela intensidade dessa “Nota Introdutória” do livro de Simas e Rufino. Entendemos que ela, por si só, basta para esse primeiro “corrido”:

MACUMBEIRO: definição de caráter brincante e político, que subverte sentidos preconceituosos atribuídos de todos os lados ao termo repudiado e admite as impurezas, contradições e rasuras como fundantes de uma maneira encantada de se encarar e ler o mundo no alargamento das gramáticas. O macumbeiro reconhece a plenitude da beleza, da sofisticação e da alteridade entre as gentes.

A expressão macumba vem muito provavelmente do quicongo *kumba*: feiticeiro (o prefixo "ma", no quicongo, forma o plural). Kumba também designa os encantadores das palavras, poetas.

Macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em meio às doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte. (SIMAS e RUFINO, 2018, Nota Introdutória)

## **REFERÊNCIAS CITADAS**

ALEXANDER, Fredrik Mathias. **O uso de si mesmo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

CAMPOS, Flávio. “Preparar corpos e terrenos: o método BPI e sua perspectiva integrativa na formação e na criação em dança.” In: **Anais da X Reunião Científica ABRACE**, v. 20, n. 1, Campinas: UNICAMP, 2019.

Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/115>. Acesso em: 10/08/2021.

CAMPOS, Flávio. **O método BPI e sua estética: noções advindas da análise de experiências processuais em artes da cena**. 2016. 291 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/320852>. Acesso em: 26 dez. 2019.

CAMPOS, Flávio. **Rede de afetos: as relações afetivas vivenciadas pelo sujeito no processo de formação e de criação cênica do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)**. Dissertação de Mestrado em Artes da Cena. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284379> Acesso em: 10 de ago. 2021

CAMPOS, Flávio; RODRIGUES, Graziela. O Processo BPI e suas Especificidades Epistemológicas. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 3, p. 490-506, ago. 2015. ISSN 2237-2660. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/presenca/article/view/52182> . Acesso em: 10 ago. 2021.

CARRINGTON, Walter. “Darse tiempo”. In: CARRINGTON, W. **Pensando en voz alta. Charlas sobre la enseñanza de la Técnica Alexander**. Berkeley: Mornum Time Press, 2009.

CERTEAU, Michel de. **L’invention du quotidien. Tome 1. Arts de faire**. Paris : Gallimard, 1980.

GRAVINA, Heloisa. 2010. **Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar: políticas angoleiras em performance na circulação Brasil-França**. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/31733>. Acesso em: 10/08/2021.

GRAVINA, 2019. “Dança e técnica Alexander: o movimento como articulador de sentidos sobre o mundo na obra coreográfica *Ocupación*”. In: **Anais da X Reunião Científica ABRACE**, v. 20, n. 1, Campinas: UNICAMP, 2019. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/115>. Acesso em: 10/08/2021.

KRENAK, Ailton. Entrevista ao programa Roda Viva em 19/04/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4> Acesso em: 12/08/2021.

PELBART, Peter Pál. “Espectros da catástrofe”. In: **Pandemia Crítica**, n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-ledicoes.org/textos/129>. Consulta em: 08/12/2020.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. O Corpo Identificado pelo Fluxo de Sentidos. In: REUNIÃO CIENTÍFICA ABRACE, 7., 2013, UFMG, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2013. Disponível em: [http://www.portalabrace.org/viireuniao/pesquisadanca/RODRIGUES\\_Graziela.pdf](http://www.portalabrace.org/viireuniao/pesquisadanca/RODRIGUES_Graziela.pdf) . Acesso em: 10 de ago. 2021.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. As Ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL E CONGRESSO BRASILEIRO DE IMAGEM CORPORAL, 1., 2010, UNICAMP, Campinas. Anais... Campinas, 2010. Disponível em:

<https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/congressos/imagemcorporal2010/trabalhos/portugues/area3/IC3-28.pdf> . Acesso em: 10 ago. 2021.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete: processo de formação**. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2005.

RODRIGUES, Graziela. **O método BPI (bailarino-pesquisador-intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método**. 2003. 171 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284769> . Acesso em: 10 de ago. 2021.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca; TURTELLI, Larissa Sato; TEIXEIRA, Paula Caruso; CAMPOS, Flávio; COSTA, Elisa Massarioli da; CÁLIPO, Nara; FLORIANO, Mariana; ALLEONI, Natália Vasconcellos; JORGE, Mariana Dias. **Corpos em Expansão: a arte do encontro no método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)**. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 551-577, set./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/65010> Acesso em: 10 de ago. 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164 p.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato. A Ciência Encantada das Macumbas**. Rio de Janeiro. Editora Morula Editorial, 2018.